



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/12/2021 a 09/12/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/12/2021	12,67	367,70	57,10	7,94	5,86
06/12/2021	12,61	359,70	57,79	7,97	5,83
07/12/2021	12,50	358,90	57,04	7,99	5,86
08/12/2021	12,61	365,60	55,46	7,91	5,84
09/12/2021	12,64	368,80	54,79	7,73	5,88
Média	12,61	364,14	56,44	7,91	5,85

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	159,00	
RS – Não Me Toque	159,50	
RS – Londrina	154,00	
PR – Cascavel	155,00	
MT – C.N.Parecis	142,00	
MS – Maracaju	154,00	
GO - Rio Verde	152,00	
BA – L.E.Magalhães	158,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	88,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	82,00	
PR – Londrina	80,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	73,00	
GO – Jataí	73,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	83,00	
RS – Não Me Toque	83,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	92,00	

Período: 08/12/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/12/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,65	160,70	81,91

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/12/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	62,69
Feijão (saco 60 Kg)	250,84
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,68
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,04**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,85

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Novembro/21 - média cf.

Cepea/Esalc

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram nesta semana, na expectativa do relatório de oferta e demanda, anunciado pelo USDA neste dia 09/12. Assim, o bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, após fechar o dia 08/12 em US\$ 12,61, puxado, especialmente, pelo farelo, fechou o dia seguinte (09/12), após o anúncio do relatório, em US\$ 12,64/bushel, contra US\$ 12,44 uma semana antes. A anotar que o farelo atingiu a US\$ 368,80/tonelada curta, seu mais alto nível dos últimos 12 dias úteis, enquanto o óleo de soja recuou, atingindo a 54,79 centavos de dólar por libra-peso, o mais baixo valor desde o dia 14 de abril do corrente ano.

O relatório indicou que a safra dos EUA, recentemente colhida, teria ficado mesmo em 120,4 milhões de toneladas. Já os estoques finais, para 2020/21, naquele país, permanecem projetados em 9,25 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio aos produtores de soja estadunidenses, no atual ano comercial, continuam projetados em US\$ 12,10/bushel. Quanto à produção mundial, o relatório reduziu a mesma para 381,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais caem para 102 milhões de toneladas, com recuo de 1,8 milhão em relação ao relatório de novembro. A produção brasileira foi mantida em 144 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permanece estimada em 49,5 milhões. Já as importações chinesas de soja, para este ano comercial, foram mantidas em 100 milhões de toneladas.

Por outro lado, na semana encerrada em 02/12, os embarques de soja por parte dos EUA atingiram a 2,2 milhões de toneladas, ficando no limite superior esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial as exportações estadunidenses de soja atingem a 23,6 milhões de toneladas, ou seja, 21% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, as importações de soja pela China, originárias dos EUA, devem cair bastante neste ano comercial 2021/22, quando comparadas ao ano anterior. Um dos motivos é os estragos provocados pelo furacão Ida, ocorrido em setembro, na cadeia de embarque estadunidense. Além disso, a safra brasileira, com volumes maiores no início de 2022, tende a reduzir a janela de exportação estadunidense. Neste contexto, estima-se que as importações totais de soja estadunidense pela China, para o ano comercial atual, iniciado em 1º de setembro, devam cair ao redor de 20%, para menos de 30 milhões de toneladas. Ora, os EUA acabam de colher sua segunda maior safra da história e, normalmente, exportam entre 45% a 50% desta produção. Mais da metade dessas vendas vão para a China, país que compra 70% de sua soja importada, entre setembro e dezembro, do país norte-americano. Em os EUA reduzindo suas vendas para os chineses, ou escoar o produto para outros compradores, ou terá que aumentar seus estoques, pressionando para baixo as cotações em Chicago em 2022. Vale ainda destacar que os principais elementos que impulsionam a demanda de soja na China – margens de esmagamento e produção de suínos – atingiram um estágio muito fraco nesta última metade de 2021. Além disso, em desfavor da soja dos EUA, está o fato de que a oleaginosa brasileira tem melhores margens de esmagamento para as indústrias chinesas, graças a níveis de proteína mais elevados. Neste sentido, os embarques de soja da Costa do Golfo, para janeiro próximo, foram oferecidos em torno de 500 dólares por tonelada FOB no final do mês passado, com um adicional de 78 a 80 dólares por tonelada de frete para a China. A soja brasileira está em torno de 520 dólares por tonelada FOB, porém, com frete em

torno de 60 dólares por tonelada. Com isso, o Brasil entra cada vez mais na chamada janela de exportação estadunidense. As chegadas de soja na China em novembro-dezembro são principalmente carregamentos dos EUA, mas os embarques brasileiros devem aumentar drasticamente durante janeiro-março para mais de 6 milhões de toneladas. Isso representaria um aumento de mais de quatro vezes em relação aos 1,35 milhão de toneladas durante o primeiro trimestre de 2021. Enfim, com a expectativa de que a China responda por quase 60% de todas as importações de soja nesta temporada, os exportadores dos EUA não conseguirão encontrar um único grande comprador para substituí-la. Europa, México, Argentina, Egito e Tailândia são os próximos cinco maiores importadores, de acordo com o USDA, mas compram juntos apenas um terço do total da China. (cf. Notícias Agrícolas)

Dito isso, no Brasil os preços subiram nesta semana, mesmo com o câmbio cedendo um pouco e voltando à casa dos R\$ 5,53 por dólar em alguns momentos. O fechamento no balcão gaúcho, na média semanal, ficou em R\$ 160,70/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 142,00 e R\$ 158,00/saco.

A grande preocupação no momento é o clima extremamente seco no sul do país, atingindo, agora, os três Estados meridionais. As chuvas têm sido largamente abaixo da média, atrasando o plantio e prejudicando a soja já semeada. Muitas regiões estão sendo obrigadas a replantar, com custos adicionais. Este problema da estiagem igualmente já é sentido no sul do Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Enquanto isso, o plantio da nova safra brasileira chegava a 94% da área esperada até o dia 02/12, sendo que no Mato Grosso a mesma está tão avançada que a colheita já poderá começar por volta do Natal em áreas mais adiantadas daquele Estado. (cf. AgRural) Contrariamente ao sul do país, no Mato Grosso e a maior parte do Centro-Oeste a umidade do solo está acima da média. Enquanto isso, o Paraná teve o novembro mais seco dos últimos 20 anos, com chuva acumulada de apenas 66,5mm, contra média de 157,8mm para o mês. Mesmo assim, a situação ainda apresenta um quadro melhor, em comparação ao mesmo período de 2020, ano de forte quebra nas lavouras de soja devido à seca. No Rio Grande do Sul o índice de umidade do solo é o segundo pior dos últimos 10 anos. E Santa Catarina registra situação semelhante. Em novembro o volume de chuva acumulado foi de 69,75 mm, sendo a média de 163,67 mm para o período. A previsão é de que a seca continue, o que pode limitar o potencial produtivo das lavouras. (cf. Geosys)

Pelo lado das exportações nacionais de soja, nos primeiros três dias úteis de dezembro o país vendeu 313.900 toneladas, superando todo o volume exportado em dezembro de 2020, que foi de apenas 274.080 toneladas. (cf. Secex) Este empuxo no presente ano se dá em função da China, conforme já comentamos anteriormente. Neste momento, cerca de 93% da última safra já está comercializada, contra a média de 90% para esta época do ano. Isto mantém os prêmios ainda nos níveis entre US\$ 1,10 e US\$ 1,20/bushel, ajudando a sustentar os preços internos da soja. Em todo 2021, o Brasil já exportou 87,5 milhões de toneladas de soja em grão, contra 82,7 milhões no mesmo período de 2020. No complexo soja - contabilizando farelo e óleo, além do grão - são 106,1 milhões de toneladas, enquanto eram 100,5 milhões no mesmo intervalo em 2020. Já em relação a safra 2021/22, que acaba de ser semeada, as vendas antecipadas atingiam a 37% nesta primeira quinzena de dezembro, contra 45% na média histórica para este período. (cf. Brandalizze Consulting)

Em termos estaduais, além dos problemas climáticos do sul, tem-se que no Mato Grosso o plantio se deu sobre 10,86 milhões de hectares, fato que poderá resultar em uma produção de 38,1 milhões de toneladas, sendo esta a maior safra estadual da história. A produtividade média esperada é de 58,5 sacos/hectare, com aumento de 1,9% sobre o ano anterior. No Estado mato-grossense igualmente o milho segunda safra deverá ser melhor. A área a ser semeada deverá chegar a 6,23 milhões de hectares, com aumento de 0,2% sobre a projeção anterior. (cf. Imea)

Por sua vez, no Paraná apesar da falta de chuvas em algumas regiões, ainda 91% das lavouras semeadas apresentam condições boas, 8% regulares e apenas 1% ruins. (cf. Deral)

Enfim, em termos gerais do país a área total semeada com soja deve ter chegado a 41 milhões de hectares, ou seja, 7,1% acima da área do ano anterior, sendo que quase toda ela já estaria concluída. Com isso, a estimativa de colheita chega a 145,6 milhões de toneladas, com produtividade média de 59,2 sacos/hectare. Todavia, a estiagem que se abate sobre o sul do país pode alterar para menos esta projeção de safra caso não chova rapidamente. (cf. Pátria Consultoria)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram um pouco durante a semana, se aproximando novamente do teto dos US\$ 6,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,88/bushel, influenciado pelos dados do relatório de oferta e demanda, divulgado pelo USDA neste dia 09/12, contra US\$ 5,77 uma semana antes.

O referido relatório trouxe que a safra de milho dos EUA está mantida em 382,6 milhões de toneladas. Por sua vez, os estoques finais estadunidenses, para 2021/22, também foram mantidos, neste caso em 37,9 milhões de toneladas. Assim, o preço médio aos produtores de milho dos EUA, neste atual ano comercial, continua projetado em US\$ 5,45/bushel. Já a produção mundial de milho, neste novo ano, fica em 1,208 bilhão de toneladas, com ganho de cerca de 4 milhões de toneladas sobre novembro, enquanto os estoques finais mundiais foram aumentados para 305,5 milhões de toneladas. A produção brasileira e argentina permanecem estimadas em 118 e 54,5 milhões de toneladas respectivamente.

Enquanto isso, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 02/12, atingiram a 758.169 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, os EUA, no atual ano comercial, exportaram 9,4 milhões de toneladas, ou seja, 16% abaixo do volume exportado em igual período do ano anterior.

E no Brasil os preços do cereal voltam a subir, especialmente diante da forte quebra (mais uma) da safra no Rio Grande do Sul. A média gaúcha, no balcão, fecha a semana em R\$ 81,65, com viés de alta. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 85,00/saco. Nota-se que o CIF Campinas (SP) saltou para R\$ 87,00/saco. Neste contexto, os vendedores de milho seguram o produto disponível, enquanto os compradores indicam estarem com estoques menores neste

final de ano. Esta pressão, na medida em que a safra de verão acusar quebra, tende a elevar ainda mais o preço do milho para o início de 2022, particularmente nas regiões com frustração de safra.

Dito isso, afóra os três Estados do sul, no restante dos Estados produtores de milho verão o produto estaria em boas condições. Cerca de 94% da área esperada havia sido semeada até o dia 02/12. (cf. AgRural)

Em termos de exportação, o Brasil teria vendido ao exterior, nos primeiros três dias úteis de dezembro, um total de 412.601 toneladas de milho, sendo este um volume que representa apenas 8,5% do total exportado no mês cheio do ano passado. A média diária de exportação ficou em 137.533 toneladas, representando redução de 37,7% sobre a média do mesmo período do ano passado. Já o preço da tonelada vendida ficou 19,6% acima da média de um ano antes, passando de US\$ 190,90 para US\$ 228,30. Assim, de janeiro até o final dos três primeiros dias úteis de dezembro, o Brasil exportou 17,4 milhões de toneladas de milho, ficando o mesmo 42,5% abaixo do realizado em igual período do ano anterior.

Pelo lado das importações, no início de dezembro o país registrou compras externas de milho em um total de 46.409 toneladas. Assim, nos três primeiros dias de dezembro o país importou 18,8% acima do registrado em todo o mês de novembro de 2020, com a média diária ficando 38,1% superior a do mesmo período do ano anterior. A tonelada importada agora custou US\$ 237,70, contra US\$ 156,60 um ano antes. Assim, de janeiro até os três primeiros dias úteis de dezembro o Brasil já importou 2,8 milhões de toneladas do cereal, ou seja, mais de 145% superior ao mesmo período do ano anterior. (cf. Secex)

Enquanto isso, no Mato Grosso, a próxima safrinha de milho terá uma área de 6,23 milhões de hectares, com uma produtividade média esperada de 106 sacos/hectare, fato que poderá levar a produção total de milho para 39,6 milhões de toneladas naquele Estado. (cf. Imea)

Já no Paraná, com o plantio da safra de verão encerrado, tem-se 48% das lavouras em floração. Apesar do surgimento de bolsões de seca, ainda se espera por lá uma safra de verão final de 4,1 milhões de toneladas de milho, com produtividade média de 166 sacos/hectare. (cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul, o preço médio do saco de milho voltou a subir, batendo em R\$ 72,75 no dia 06/12. Na comparação com dezembro de 2021, o aumento deste preço é de 15,6%. Até este início de dezembro os produtores locais haviam negociado 79,7% da safrinha de milho passada. (cf. Famasul)

Enfim, no Rio Grande do Sul, até o início de dezembro, 88% da área esperada estava semeada (cf. Emater), com perdas significativas devido à seca. Tais perdas já ultrapassam a 50% da safra esperada no Estado. E a cada dia sem chuva, o percentual perdido aumenta.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, cederam bastante durante a semana, especialmente após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA. Com isso, o fechando da quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, atingiu a US\$ 7,73/bushel, após US\$ 8,06 uma semana antes.

O relatório do USDA apontou que a safra dos EUA fica mesmo em 44,8 milhões de toneladas em 2021/22, enquanto seus estoques finais atingem a 16,3 milhões. Com isso, o preço médio do trigo, aos produtores estadunidenses, foi elevado para US\$ 7,05/bushel para o corrente ano comercial. Já a produção mundial do cereal está estimada em 777,9 milhões de toneladas, com ganho superior a 2 milhões de toneladas sobre novembro, enquanto os estoques finais mundiais ficam em 278,2 milhões. A produção da Argentina ficaria em 20 milhões de toneladas, enquanto a brasileira se estabelecerá em 7,9 milhões.

Por outro lado, os EUA embarcaram 245.963 toneladas de trigo na semana encerrada em 02/12, acumulando um total de 11,2 milhões de toneladas no atual ano comercial, o que representa 17% a menos do que o exportado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, a Rússia está considerando estabelecer uma cota de exportação de trigo de 9 milhões de toneladas para o período de meados de fevereiro a 30/06 de 2022. Algumas fontes falam em cota de 14 milhões de toneladas. Se este for o volume, o mesmo será menor do que o praticado no mesmo período do ano passado, quando atingiu a 17,5 milhões de toneladas. Faz cinco anos que a inflação está em alta na Rússia, obrigando o governo a contingenciar as exportações, além de colocar um imposto sobre os preços exportados. Em trigo, a Rússia espera colher 75 milhões de toneladas, nesta próxima colheita, contra 85 milhões um ano antes. Lembrando que a Rússia está entre os dois principais exportadores de trigo do mundo. (cf. Bloomberg)

Por sua vez, o Reino Unido, agora separado da União Europeia, espera colher 14,3 milhões de toneladas de trigo em 2021/22, contra 9,7 milhões um ano antes. Mesmo assim, a região deverá importar 2 milhões de toneladas do produto, contra 3,2 milhões um ano antes. (cf. USDA)

E aqui no Brasil, os preços do cereal se mantêm firmes, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 81,91/saco, enquanto no Paraná os preços permaneceram entre R\$ 88,00 e R\$ 92,00/saco.

Mesmo com as quebras já consolidadas, a colheita do cereal termina com números positivos na comparação com o ano anterior. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a produção final está estimada em 3,5 milhões de toneladas, com um salto de 70% sobre a frustrada safra do ano anterior, sendo esta a maior colheita de todos os tempos, superando o recorde obtido em 2013. (cf. Farsul e Fecoagro)

Os altos preços do milho acabam favorecendo o trigo, o qual passa a ser mais usado nas rações animais. Além disso, a nova quebra da safra de milho deve deixar o trigo gaúcho ainda mais procurado pelas indústrias de rações, apesar da queda de qualidade em algumas regiões. Efetivamente, a indústria de ração animal continua demandando muita matéria-prima. Segundo a Fecoagro, a produtividade média das lavouras de trigo variou entre 2.600 e 2.800 quilos/hectare, superando 45

sacos/hectare. Mais de 1,8 milhão de toneladas do produto gaúcho deverá ir para exportação.

Nesta época, o mercado baixa o ritmo de negócios em função das festas de final de ano, quando muitos moinhos entram em recesso. Por sua vez, o volume disponível de produto, após a colheita brasileira, é importante, o qual se soma a volumes elevados já importados. Neste contexto, os preços continuam na dependência da paridade de importação, a qual está ligada ao comportamento do câmbio no Brasil. Neste momento, com o dólar valendo quase R\$ 5,60, as importações continuam bastante caras, especialmente porque o trigo em Chicago se mantém com cotações elevadas.

Enfim, com a colheita finalizada em todo o Brasil, a produção final está estimada entre 7,0 e 7,7 milhões de toneladas, se constituindo em recorde histórico, porém, abaixo do esperado, que era de 8,2 milhões de toneladas na época do plantio.